

ESCUA DE SI EM TEMPOS PANDEMICOS

Melissa Migueles Panzutti (UNICAMP)

RESUMO

A abordagem de Bonnie Cohen na educação somática traz uma perspectiva relacional entre a presença e o lugar do espaço muito interessante desde do momento de formação do feto dentro da barriga da mãe e no decorrer de todo o desenvolvimento humano. Pretendo compartilhar os trabalhos desenvolvidos a partir da abordagem somática e explicitar os procedimentos que envolveram as crianças de 8 e 9 anos na materialização dos processos de estudo em dança no momento do isolamento e a mudança da proposta do ensino presencial para o remoto. O estudo do movimento aconteceu, na Escola Viva em São Paulo, e os pontos a serem abordados nesta reflexão é a qualidade da participação das crianças dentro do contexto mediado pelas telas dos computadores; a produção de presença a partir do enunciados que convocaram o corpo para um embate da experiência estética; e por fim a composição corporal criada dentro do contexto pandêmico. O intuito é olhar para os meandros e transformações da percepção do próprio corpo buscando responder as perguntas investigativas: Como a relação espacial, o dentro e fora tomou outras dimensões e novas possibilidades diante desse novo contexto?; e de que maneira os programas performativos e as instruções influenciaram tanto as crianças, como as famílias a olhar e descobrir o corpo de um nova perspectiva? Diferente de averiguar o que ganhamos ou o que perdemos com a proposição do estudo do movimento no ensino remoto pretende-se reconhecer quais conquistas e o que conseguimos fazer na nova percepção do dentro e do fora. Nesse sentido, a reflexão se dá ao olhar para os vídeos e imagens produzidos que mostraram o percurso de apropriação das crianças do próprio corpo e a experimentação no espaço através do estudo de movimentos e sensibilização corporal. A ideia é se debruçar sobre as consignas que envolveram os estudantes no fazer, pesquisar o corpo e as interfaces das metáforas que os envolveram nesse processo. Uma conversa entre metáforas de movimento e expressões corporais que seguiram compondo o ano de 2020.

PALAVRAS CHAVE

Educação Somática. Pedagogia corporal. Performer. Processo de criação.

ABSTRACT

L'approche de l'éducation somatique de Bonnie Cohen apporte une perspective relationnelle très intéressante entre la présence et la place de l'espace dès la formation du fœtus dans le ventre de la mère et tout au long du développement humain. J'ai l'intention de partager le travail développé à partir de l'approche somatique et d'expliquer les procédures qui ont impliqué des enfants de 8 et 9 ans dans la matérialisation des processus d'étude en danse au moment de l'isolement et du changement de la proposition présentiel pour le face à l'enseignement à distance. L'étude du mouvement a eu lieu à la Escola Viva de São Paulo, et les points à aborder dans cette réflexion sont la qualité de la participation des enfants dans le contexte médiatisé par les écrans d'ordinateur ; la production de présence à partir des énoncés qui appellent le corps à un choc de l'expérience esthétique ; et enfin la composition corporelle créée dans le contexte de la pandémie. L'objectif est d'examiner les subtilités

et les transformations de la perception du corps lui-même, en cherchant à répondre aux questions d'investigation : comment la relation spatiale, l'intérieur et l'extérieur ont-elles pris d'autres dimensions et de nouvelles possibilités dans ce nouveau contexte ? ; et comment les programmes et les instructions performatifs ont-ils incité les enfants et les familles à regarder et à découvrir le corps sous un nouvel angle ? Différent de découvrir ce que nous avons gagné ou ce que nous avons perdu avec la proposition d'étudier le mouvement dans l'enseignement à distance, il s'agit de reconnaître quels acquis et ce que nous avons réussi à faire dans la nouvelle perception de l'intérieur et de l'extérieur. En ce sens, la réflexion est donnée en regardant les vidéos et les images produites qui ont montré le chemin de l'appropriation par les enfants de leur propre corps et de l'expérimentation dans l'espace à travers l'étude des mouvements et la sensibilisation corporelle. L'idée est de se concentrer sur les slogans qui impliquaient les élèves dans le faire, en recherchant le corps et les interfaces des métaphores qui les impliquaient dans ce processus. Une conversation entre métaphores du mouvement et expressions corporelles qui a continué à composer l'année 2020.

KEY WORDS

Éducation somatique, pédagogie du corps, performance

A Escuta

A abordagem somática no âmbito escolar só é possível por que a instituição tem um olhar transversal no que se refere o entendimento do escopo corpo e movimento e suas interfaces com as linguagens aprofundadas no fundamental 1. Vale esclarecer que o campo da disciplina de dança oferecida dentro do currículo regular do terceiro ano atravessa outros campos do conhecimento e que foram gestados em conjunto entre coordenação e professores polivalentes na construção e na escuta dos planos trabalhos desses outros especialistas. Esse diálogo semanal gera uma aproximação dos desafios e uma partilha dos modos de abordar cada criança em sua trajetória pedagógica. Essa característica oferece um alinhamento sobre a Base Nacional Curricular que perpassa pelo estudos das danças do Brasil e do mundo e a dança de matriz indígena e africana, além do contexto e prática da própria linguagem da dança. Para afinarmos os elementos da linguagem e seus processos de criação buscou-se, como uma grande mandala, criar uma tessitura de possíveis entradas na temática do ano “A água”, nasce nesse contexto camadas relacionais de pesquisa e investigação integrando o conhecimento e materialidades artísticas dos alunos.

Outro pressuposto desse trabalho é um caráter cartográfico no que se refere aos meandros e escolhas dos caminhos investigativos. Por mais que possamos mapear nossa trajetória de antemão, nos planos de trabalho, criaram-se caminhos que se interromperam, que desnortearam, que se refizeram e muitos transformaram o significado. Primeiro por que cada indivíduo ao se deparar com a experiência desse processo trouxe uma perspectiva particular, e é dessas particularidades que pudemos desnortear nossa trajetória e escolher novos caminhos de pesquisa. Percebe-se a cada instante a descoberta do que fazia mais sentido para construir o próximo movimento e os modos de viver do momento.

Então, apesar de termos a lente de uma prática do sensível como referência mestre e percepção do corpo interno, as reflexões e as hipóteses dos alunos é que direcionavam

nosso fazer. Escolhendo a camada que íamos nos debruçar de um modo cuidadoso e muito poroso.

Para entendimento da educação somática trago como referencia o trabalho Sylvie Fortin (1999) que apresenta um apanhado abrangente sobre os estudos atuais da educação somática e uma definição feita por Thomas Hanna como “a arte e a ciência de um processo relacional interno entre consciência, o biológico e o meio ambiente, estes três fatores sendo vistos como um todo agindo em sinergia.”

Segundo Fortin, existem mais de uma corrente chamada de educação somática, o recorte a que se refere os estudos desse trabalho são voltados para as praticas corporais que deram ênfase ao estudo do movimento onde as estruturas orgânicas não estão separadas de sua história vibracional, imaginária e simbólica. E que há um engajamento corporal com ênfase no sensorio-motor onde a organização corporal e a aprendizagem são marcadas pelo refinamento sensorial, e ainda é no refinamento proprioceptivo que se dá a aprendizagem. Para além da consciência corporal, mas da transição consciência-inconsciência corporal, uma troca constante entre corpo, meio e percepção. Geralmente os processos propostos são de início lento, explorados atentamente, percebendo seu caminho articular, sua amplitude, sua variação perceptiva do tônus, no esforço e nas qualidades do movimento. Sentir para agir, como premissa de estruturação do movimento.

O processo com as crianças recebeu a influencia da abordagem somática estudado no Body Mind Centering criado por Bonnie B. Cohen¹ no que se refere a importância da experimentação. Em suas aulas Cohen sempre traz a perspectiva que temos que experimentar, muito mais do que acreditar nela. Isto é, trazer nossas próprias conclusões sobre os meandros do brincar com o corpo. Esse brincar se refere a aprimorar as entradas e relações que cada um pode trazer com a expressão de si ampliando as camadas relacionais que essas experimentações nos trazem. As variações de perspectiva do corpo, o tônus, as densidades, os toques corporais como pele, musculo e osso. Sendo essas as camadas de jogos e exercícios que os alunos se envolveram durante o processo de aprendizagem.

“Um aspecto importante da jornada no Body-Mind Centering é descobrir o relacionamento entre o menor nível de atividade no corpo e o seu movimento mais amplo – alinhando o movimento celular interno à expressão do movimento no espaço. Isso envolve identificação, a articulação, a diferenciação e a integração dos diversos tecidos no corpo, descobrindo as qualidades que eles dão ao movimento, como evoluíram no processo de desenvolvimento e o papel que desempenham na expressão da mente. Quanto mais preciso for esse alinhamento, mais eficientemente podemos funcionar para realizar as nossas intenções. Entretanto, o alinhamento em si mesmo não é objetivo. Ele é um dialogo continuo entre consciência e a nossa mente e agir a partir dessa consciência. Esse alinhamento cria um estado de conhecimento.”

COHEN, 2015 pg. 23

O Relato do trabalho

A proposta do estudo do movimento para o 3º ano do Fundamental contempla a percepção de si e do coletivo. A consciência corporal pelo movimento expressivo gera a

¹ Body Mind Centering, o BMC - uma metodologia desenvolvida por Bonnie Bainbridge Cohen, cujo estudo experimental está baseado na corporalização e aplicação de princípios de anatomia, fisiologia e desenvolvimento utilizando o movimento, o toque, a voz e a mente.

conquista da percepção de si, do espaço e do outro, pela dinâmica e composição no grupo. O objetivo é reconhecer seu próprio corpo, escutá-lo, observar e explorar movimentos no espaço, brincando com o tempo, na relação com o outro e consigo mesmo.

A Escola destaca esse momento no aprendizado, salientando a importância do aluno se reconhecer e explorar formas de expressão, levando em conta o seu momento de transição. O brincar começa a ter um novo contorno, e a exploração dos movimentos começa a se modificar diante das relações e de novos desafios.

Além de trabalhar os movimentos expressivos e explorar qualidades diferentes de tônus corporal, os alunos tem a experiência de vivenciar algumas manifestações artísticas brasileiras que celebram os ritos de colheita, de plantio; os ritos e danças se tornam parte integrante da cultura como representação social no diálogo com a natureza, marcando, assim, o espectro perceptivo eu, o outro, mundo e contexto.²

Todo esse repertório de estudos do movimento tem como pretexto disparos investigativos que atravessam o eixo temático da série: “Convivendo com a água”. A percepção dos líquidos dentro do nosso corpo, a qualidade do movimento da água em diferentes formas, como a água da chuva, de uma cachoeira, uma gota d’água. Movimentos que o corpo pode expressar em suas mais variadas qualidades. Observar esses movimentos a partir dessas referências e explorar a dinâmica de tempo, de espacialidade e de tônus.

No primeiro trimestre, sugerimos abordar, a partir do movimento, “por onde passa, qual caminho da água? “. Nosso ponto de partida de investigação pesquisa nossos fluidos. Brincamos com a corporeidade das trajetórias dos rios, riachos, cachoeiras, mares e do oceano. Qual o caminho da água dentro do nosso corpo? Como esses movimentos ocupam o espaço? Exploramos a fluidez-tempo/velocidade, o conceito peso-gravidade/planos e, ainda, densidade-volume/espaço. Conceitos que trabalham com qualidades de movimento e tônus que servirão de repertório e o aperfeiçoamento do movimento para a expressão autônoma e genuína de cada aluno.

No o segundo trimestre, a vez dos “ciclos da natureza”, investigando nosso coração, nossa respiração. Exploramos movimentos pela percepção das costelas, pelo pulsar do coração e pelo movimento da respiração. Relacionando danças e ritos presentes na Festa Junina e aproveitando o estudo sobre a importância de preservar e despoluir os rios!

No terceiro trimestre, trabalhamos “Que histórias os rios nos contam?”. Nesse contexto esperamos que os alunos realizassem pesquisas corporais em que pudessem fazer suas próprias criações. Foi proposto o estudo de partituras de movimento em que escolhiam formas, velocidades e densidades, de maneira a diversificar e relacionar os contextos. E assim, contar outras e novas histórias utilizando o corpo. A cada encontro nas aulas de dança, buscamos percorrer o caminho do olhar e percepção do corpo individual /interno para o olhar e percepção do fora /o outro - o coletivo/grupo.

Sobre todo o trabalho objetivo e mecânico do explorar o movimento existe um trabalho sobre a criação de subjetividades que ampliam o olhar sobre si e o mundo, trazendo novas perspectivas sobre como se relacionar, observar, comparar, se colocar e

² Conforme Base Nacional Comum curricular – BNCC
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

perceber nosso mundo. E por fim, nossa proposta pedagógica era atender o nosso olhar para: Perceber a si mesmo e o outro; escutar a si e o todo; sentir o outro e a nós mesmos; ouvir o que tem dentro e o que tem fora. que corpo é esse que escuta, que flui, que se move e atravessa os lugares, se modifica e como transforma?

Para perceber, brincamos com o jogo de foco. Para escutar, escutamos a pulsação do nosso coração. Para ouvir, brincamos com os ritmos e gestos corporais. Para sentir, nos percebemos, nos escutamos e nos ouvimos no silêncio. Os trabalhos que desenvolvemos nesses encontros e estudos do movimento buscaram ressaltar, portanto, nosso olhar sobre o corpo e como podemos compor, escolher movimentos e trajetórias no espaço. Um cuidado de si e com o todo, assim como todo o trabalho proposto para o 3º ano. Foi um percurso caudaloso e potente!

A qualidade da participação das crianças.

O primeiro contato com o trabalho da educação somática usávamos esqueletos em tamanho real (um metro e setenta de altura Fig. 1), na espacialidade da sala de trabalho éramos atravessados por uma série de interferências de temperatura, cheiros, suores, vontades de movimento e comentários perceptivos. Influenciados pelos sons pessoais e os alheios a sala de trabalho, o tempo relacional entre o ver, perceber e se reconhecer no outro era diferente. A perspectiva de usar o maior numero de suportes estéticos para o encontro presencial baseava -se na ideia de propor uma maior gama de opções e



Figura 1Foto de cima com esqueleto ao centro dos alunos. momento das aulas presenciais.

experiências sobre a prática do sensível. O toque, o olhar a curiosidade e comentários guiavam as entradas para a abordagem do dia.

Tudo isso foi interpelado pela incerteza, pelo rompimento de narrativas, expectativas e a perspectiva do encontro do toque, do cheiro pausou o tempo e deixou o espaço vazio. O espaço da escola fechou.

...

Nas primeiras semanas me relacionei com os alunos criando vídeo aulas. Aulas assíncronas. Sobre o esqueleto, a coluna, e as costelas³. Uma reinvenção de mim. A perspectiva metodológica ganhou uma dimensão a mais, a estética da filmagem, locação e sonorização, entraram num plano por mim nunca dantes dimensionado. A limpeza e objetividade da filmagem, a síntese. E uma auto exigência insuportável. Chegava a gravar, depois de preparar o roteiro, mais de vinte vezes, quando conseguia finalmente o que queria, percebia que na filmagem eu me apresentava brava e toda suada. Dai o exercício do fazer virava o descontrair e seguir a proposta com leveza. De educadora somática onde o toque é decisivo no encontro de si, eu me deparei com narrativas que pudessem ser férteis e convidativas para o envolvimento do aluno na sua percepção do corpo e principalmente para o seu auto-toque.



Figura 2 -Foto da tela do computador durante a aula síncrona. Imagem do ponto de vista dos alunos para nosso encontro.

Depois seguimos para as aulas síncronas.(Fig 2). Ofertei uma gama de vídeos de anatomia como disparos para exploração perceptiva, outros momento usei documentários sobre as danças brasileiras. As musicas entraram compondo com as explorações e dando um compasso as vezes descompasso para nossos encontros. Claro, somado a todo esses suportes à conexão da internet, as coisas seguiram.

Ganhamos foco, aprimoramos a escuta. Fomos mais cuidadosos no falar e criamos procedimentos para termos devolutivas e avaliações do percurso vivido. Usamos de metáforas para descrever o que conquistamos a cada aula. Tínhamos clareza na separação dos momentos do encontro virtual. A etapa no preparar o espaço para nosso encontro, os acordos, o foco do dia, a experimentação, e a devolutiva do processo vivido. Os alunos puderam falar do sentir, de como cada um estava lidando e vivendo dentro do seu corpo com aquele medo universal. Apesar de ter me reinventado, de ter mudado toda a perspectiva do que acreditava ser um trabalho embasado na experiência percebi um avanço qualitativo no modo de conduzir o trabalho somático. Ao envolver as crianças numa narrativa para encontrar experiências particulares, e agora também, de uma certa forma das famílias que, de suas casas, estavam mais próximas dos conteúdos desenvolvidos na escola.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=EePvKYHWG9g>

Das propostas performativas: a produção de presença.

Para além da perspectiva da consciência corporal e a dimensão do desafio que estávamos nos deparando, tanto eu quanto os alunos, estávamos aprendendo a lidar com as novas plataformas de comunicação. As inseguranças, normais de cada tempo, tomaram uma dimensão desproporcional. O estado de alerta e os meandros emocionais de todos estavam em polvorosa. O desafio de se adaptar, concentrar e manter a vivacidade era constante. Convocar aqueles corpos para um encontro nutritivo sem minha presença e cheiro, em modo virtual, era uma tarefa a ser desbravada. Mas tudo isso não podia perder o humor, a poesia e a eloquência.

Os métodos de construção da poética seguiram influenciados pelos programas performativos que Eleonora Fabião⁴. Ela nos apresenta a possibilidade de construção de derivas perceptivas, como coleta de material da experiência, em enunciados plásticos para uma experimentação de tessituras corporais e narrativas. O programa performativo é segundo ela uma referencia, um modo de se relacionar sendo que :

“Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política.”... “Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia.” FABIÃO , 2013.

Inspirado nessa abordagem do fazer da artista, comecei a nortear o trabalho com os alunos e direcionar os enunciados para esse fazer performático. A performance, tem um desafio a ser superado, tem uma autoria particular de quem a executa, tem muitas vezes um tempo determinado para sua execução. A singularidade de cada aluno na execução do enunciado aprofundaria as competências exploradas como conteúdo das aulas. Meu cuidado se cercou no sentido dos alunos não se auto boicotassem ao se verem, nem julgarem se por feio ou bonito, e pudessem explorar de fato suas próprias explorações. De maneira a revelar a sua autenticidade na possibilidade de capturar o instante da experiência.

Para isso o que foi proposto foi uma série de enunciados com ações sobre a experiência somática, jogos relacionais, entre corpo e plástica. Assumimos atividades na rotina das aulas que faziam sentido para aquecer, despertar. Desse vocabulário comum nos dispomos de uma sequencia de ações e preparos. Entre percutir com o punho o próprio corpo vibrando os ossos, começando pelos pés e seguindo até chegar ao topo da cabeça; esfregar com a palma da mão a superfície do corpo como que lustrando uma escultura;

⁴ FABIÃO, 2013. Eleonora Fabião é performer e teórica da performance. Professora do Curso de Direção Teatral e da Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Doutora em Estudos da Performance (New York University).

amassar a bolinha, tipo a de tênis, com os pés para abrir espaço entre os ossos; desenhar com o corpo no espaço; e por vezes desenhar numa folha de papel seu próprio corpo. Como está sentindo -o neste instante. Que cores seriam? Qual o tamanho?

Assim fomos registrando os processos, algumas vezes em vídeos e disponibilizados na plataforma de comunicação da escola. E assim construímos um portfólio processual dos caminhos e descoberta das percepções individuais e coletivas dos alunos. Todo o processo de experimentação foi colocado no Google Sala de Aula - GSA, como “dramaturgias de encontro”, e assim produzimos ambientes de experimentação férteis que potencializaram as criações e seus registros no espaço tempo.

O quebra cabeça estava localizado numa consigna sintética. Um enunciado que precisava ser objetivo, que ofertasse camadas de evolução, usando o vocabulário comum simples já crido, que convocasse o corpo e curiosidade do aluno para a exploração.

Disparos para a materialidades

Abaixo descrevo as propostas postadas na plataforma do google sala de aula. Espaço em que tanto professor como aluno colocávamos, arquivos de vídeo e fotos. Podíamos gerenciar dúvidas, criar pastas por aluno e atividades, criando um dialogo direto entre nós.

Atividade 1.

“Fizemos em aula muitos movimentos em sequencia.

(um movimento atrás do outro)

Você vai inventar a sua sequencia de movimento. E depois filmar.

Regras para criar a sequência:

- Usar diferentes partes do corpo.
- Fazer quatro movimentos diferentes.
- Ter pausas (congela).
- Repetir três vezes a sua sequencia de forma igual.

Use a música composta pelo professor Leandro para brincar com os tempos diferentes na mesma sequência.

Importante :

Filme na vertical (a câmera do celular em pé)

Use roupa escura na filmagem.

Faça na frente de uma parede branca. (ou de cor clara)

Atividade 2.

“Fizemos um trabalho de perceber nossos ossos e os movimentos do corpo.

Vamos fazer um desenho dessa sensação.

Quais cores eu sinto por dentro?

Como eu sinto meu corpo?

Não tem certo nem errado, o que você tiver vontade de desenhar é o certo.

Confie e se dedique. Se tiver duvidas escute seu coração.⁵

Atividade 3.

“Nós brincamos com nosso esqueleto. Fizemos movimentos no espaço, lembra?

Agora vamos fazer um desenho do esqueleto dentro do nosso corpo.

⁵ <https://youtu.be/fh31pQMB218> criação de vídeo aula assíncrona.

Pode ser colorido.
Não tem certo nem errado.
Pode ser do jeito que você imaginar.
Invente e divirta se desenhando.”⁶

Registros dos processos e materialidades:

Por fim compartilhei com os estudantes e famílias num site- portfolio seis vídeos, nestes descrevemos como se deu o processo de construção poética que vivemos no ano. Não cabe expor o trabalho dos alunos por que não tenho o direito das imagens dos setenta alunos. Deixo esse material para as famílias. O principal foi dividir o trabalho como um registro-memorial desse processo e a qualquer tempo famílias e crianças poderiam acessar o conteúdo desenvolvido. Relembrar que em épocas difíceis pudemos de algum modo nos olhar por dentro. Os vídeos foram editados de forma que todos eles mostraram alguns segundos de sua dança, desenho ou performance. A edição aconteceu de modo a colocar no mesmo quadro três ou dois estudantes respondendo em movimento o mesmo anunciado. Segue-se abaixo as partilhas com as famílias.

Vídeo sobre o desenho antes e depois.

Esse vídeo foi produzido num processo de onde percutir os ossos do nosso corpo. Começando pelos pés, pernas, quadril, passeando as mãos pela barriga, esfregando e esquentando a pele. Sempre começamos nosso encontro assim. Disso partimos para o estudo do movimento e das danças brasileiras. Experimentamos movimentos rápido, lento, pesado e leve. Com e sem música, esses desenhos nasceram como proposta para percebermos dentro do nosso corpo, como nos sentíamos ora antes do trabalho corporal, hora depois. A dança do coco nos ajudou em muito nesse trabalho.

Vídeo da Dança das cores.

A proposta foi imaginar seu corpo se mover colorindo o espaço, dançando com as cores (sem se mover primeiro, só o imaginar). Visualizando cores saindo das suas mãos, dos seus pés. Cada um dançando pelo espaço, voando, dando piruetas, ocupando todo o espaço. Depois com a música fomos convidados a dançar com todo o corpo, fazer movimentos e ao percorrer os espaços de verdade, pensando que seu movimento deixa um rastro de cores em linhas e trajetórias coloridas. Desse brincar, nasceu esses desenhos.

Vídeo do Estudo pausa e movimento

Esse trabalho veio para conscientizar nosso corpo no espaço além de explorar a qualidade do tônus de cada parte do corpo. Usando a pausa como uma brincadeira para sustentar a imagem corporal.

Vídeo da Dança nas Cadeiras

Brincamos com as possibilidades de movimentos com foco na coluna, costelas e pés e desse brincar fizemos uma sequência de movimentos usando apenas uma cadeira.

⁶ Atividades postadas durante o ano no Google sala de aula – GSA. Plataforma de comunicação no qual alunos e professores armazenavam atividades e podiam partilhar arquivos, fotos e vídeos em tempo real assíncrono e síncrono.

Vídeo da dança das marionetes e dos pés

Em nossa aula fizemos um exercício em que imaginamos nosso corpo dançando como uma marionete pelo espaço. Num outro dia fizemos um trabalho de sensibilização dos nossos pés. Dançamos no espaço e desenhamos a nossa presença daquele instante.

Vídeo Dança da história da Água

Criação de sequencia de movimentos do grupo a partir da História do olho d'agua. Um olho d'água nasce na montanha de gota em gota vira um riacho. Do riacho vai se enchendo e se transforma em um pequeno rio. Assim segue tornando se um grande e formoso rio, com o desejo de encontrar o oceano. Nesse caminho ele encontra a areia do deserto que o impede de chegar no oceano. Triste, o rio se torna uma represa. O Vento o convida a se transformar em nuvem. Mas o rio quer ser rio. O rio aceita, depois de muita resistência, se entrega ao vento e atravessa o deserto. Lá do alto, ele vê as estrelas, fica triste, eufórico, empolgado, feliz. Passa por muitas emoções vendo a imensidão do deserto. Finalmente, depois do deserto ele encontra o frio da montanha. E como uma tempestade forte. Volta a ser um largo, fundo e formoso rio. Ele então encontra o oceano. E realiza seu sonho. ...

Conclusões

A grande desafio na pandemia era se manter atuante, vivo, ativo num contexto de recolhimento e cuidado interno em contradição com o que estávamos acostumados a lidar e se envolver na relação entre o externo e o interno. Literalmente precisávamos (e ainda seguimos precisando) nos recolher e ao mesmo tempo nos mantermos alertas. Com o sistema nervoso em perigo acionando todos os mecanismos de defesa de lutar e fugir ao mesmo tempo a necessidade de um corpo que pudesse descansar e não abandonar-se. No processo de conscientização de si, ao reconhecer os meandros internos que nos davam suporte para criamos estados corporais externos, dávamos conta da expressividade, pudemos oferecer alguns caminhos de percepção de si durante o isolamento. O brincar, o descansar, o criar espaços mais saudáveis dentro e fora se tornaram um foco de sobrevivência familiar.

Foucault traz essa perspectiva “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder ...Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa?”⁷ A sociedade disciplinar que operava no séc. XX, requer mais eficiência e mais resultados então para o séc. XXI a sociedade não é mais a disciplinar. Segue -se uma grande mudança de paradigma que se sobressai em alguns pontos. A questão da felicidade alicerçada na utilidade e produtividade com um sujeito obediente, em consequência disso, um corpo que deve ser e estar dentro de um enquadramento de normalidade e anormalidade na sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho.

A mudança de paradigma seria segundo Han⁸, atrelada a transformação do sujeito da obediência para sujeito de desempenho e produção como empresários de si mesmos. No texto a sociedade do cansaço, Han se refere a uma transformação da sociedade

⁷ FOUCAULT, 1985, p147.

⁸ HAN, 2017, p. 24.

disciplinar – onde o verbo “é o não- ter-o-direito”⁹ aquela que isola e segmenta os acontecimentos, o conhecimento e a percepção do sucesso diante do viver, para uma sociedade do desempenho onde os parâmetros de sucesso e desenvolvimento da vida tomam como sua regulação a capacidade do ser humano dar conta de si mesmo, no que se refere a sua capacidade de lidar com o seu eu.

Em “lugar da proibição, mandamento ou lei , entram projeto, iniciativa e motivação”¹⁰. Assim para dar conta de um maior produtividade o sujeito da técnica disciplinar é substituído pelo “sujeito mais rápido, produtivo”... “ele tem atrás de si o estágio disciplinar”¹¹... “o sujeito está livre da instancia externa de domínio que o obriga a trabalhar e que poderia explora-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo.”¹²

Diante dessa acachapante transformação estamos lidando com uma sociedade que se apoiava em parâmetros externos para sua desenvolvimento pessoal e manutenção da sua sanidade mental e agora o parâmetro de sucesso está relacionada pelo seu auto desempenho e principalmente sobre como você está lendo seu desempenho de acordo com sua percepção de si mesmo e sua atuação no mundo.

Essa transformação dos efeitos de uma sociedade que operava no âmbito da busca do que nos falta no fora, para a descoberta da falta no desempenho de ser a si mesmo. O que precisamos de fato na formação que não alcançarmos o que nos falta mas almejarmos reconhecer simplesmente quem somos, como somos e o que presenciamos. Como cuidamos no desenvolvimento e formação de nossas crianças de uma maneira que consigam reconhecer o que eles tem, o que pulsa de fértil é eminente para reconhecer o que sentem realmente vontade de ir em busca.

Será que estamos formando e dando condições dessas crianças e jovens se reconhecerem nesse mundo diante desses paradigmas todos. De que maneira podemos realmente potencializar uma nova articulação desses indivíduos diante de uma sociedade que precisa se reconhecer, anti- machista, anti-patriarcal, anti-racista se não pelo caminho de ofertar a percepção de um reconhecimento de si mesmos. De que maneira apontamos o belo, o bom desempenho, o sucesso atrelados a escolhas genuínas como o devido respeito a si mesmo e um exercício de alteridade na relação com o coletivo.

Han ainda nos aponta um desafio maior, a questão desse desempenho maior e produtividade desencadeia um excesso de atividades, excesso de estímulos, excesso de informações e impulsos que fragmentam e destroem a atenção, uma atenção que está atrelada a sobrevivência na vida selvagem, mecanismos de defesa do lutar e fugir. A multitarefa cada vez mais distante de progresso civilizatório em que a “preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem- sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver”¹³. Assim “Os desempenhos culturais da humanidade”, ... ,”devem -se a uma atenção profunda, contemplativa”¹⁴ perdem -se o foco. Aquilo que necessita de mais profundidade e tempo acaba sendo atropelado com a mudanças de focos e um individuo com pouco tolerância ao tédio. Esse tédio profundo

⁹ Idem, p. 24.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem, p.26.

¹² Idem, p. 29.

¹³ Idem, p.33.

¹⁴ Idem.

que se faz necessário ao processo de produção de presença e aos processos criativos. Valores do bem viver se perdem e sobrepõe a necessidade de sobrevivência. Portanto um corpo que não escuta, não se percebe mas atende uma demanda distante de uma observação apurada de sua própria necessidade interna.

Dessa falta de escuta de si, com o desaparecimento do descanso, ele afirma que perdemos os “dons do escutar espreitando”¹⁵ termo que se apropria de Benjamin quando discute sobre o tédio. Deste pensamento sublinha a capacidade do homem que se entedia com o próprio andar e deste entender-se o impulsiona a dançar e criar um modo novo de andar. Lembrando -nos que só o homem pode dançar. Deste ponto, o que move nossos encontros de dança com as crianças é o prazer de estar em escuta dentro si mesmo. Encontrar esse espaço de contemplação de si para convocar o seu modo novo de andar. O seu novo modo de compor no mundo. Sua dança na vida.

Na apreciação dos alunos sobre o material todo produzido. Foi surpreendente a conscientização do processo materializado. Todo o material em sequencia provocava uma reação emocionante. Era um misto de cumplicidade, de parceira e realização. Os alunos se mostraram muito orgulhosos do processo vivido. Bem diferente das finalizações dos trabalhos em outros anos no modo presencial. Tínhamos um processo muito bem documentado. Decupado e descrito. E eles construíram cada parte dele. O movimento, o vocabulário, a sequencia, o registro, as cores. Todos estavam em todos os vídeos. Não era efêmero, ele estava guardado na memoria e no portfolio digital para sempre.

Essa escuta de si em tempos pandêmicos ofertou a possibilidade de deslocar a produtividade dos resultados e revelar cada instancia dos processos e não só, valorizamos o silencio e as pausas.

Vale um agradecimento particular à toda comunidade escolar que amparou as crianças, segurando câmera, movendo os móveis da sala, escutando suas demandas, participando da dança. Compondo e dividindo esse momento do viver. Pois só assim que o respirar e a escuta do coração tomaram dimensões particulares. Esse foi nosso processo de lidar com as perdas e ganhos em tempos pandêmicos.

REFERÊNCIAS CITADAS

COHEN, B. Bainbridge. **Sentir perceber e Agir. educação somática pelo método Body-Mind Centering.** tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Edição Sesc São Paulo 2015.

FABIÃO , Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência.** In Revista Lume ILINK – Núcleo interdisciplinar de Pesquisas Teatrais. UNICAMP n 4. 2013.

FORTIN, Sylvie. **Educação Somática: Novo ingrediente da formação pratica da dança.** In: *Cadernos do GIPE-CIT*, Salvador, n.2, p.40-55, fev. (1999).

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder/ Michael Foucault; organização e tradução de Roberto Machado.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 5ª ed. 1985.

¹⁵ Idem

HAN, Byung – Chul. **Sociedade do cansaço**. tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017,